

Latinidade e Germanismo

*Não ha duvida que a Natureza dispôs
no mundo um logar proprio para exercer
um imperio universal; e este logar é Roma.*

DANTE.

I

Espirito latino e espirito germanico

Atraz do conflicto de character economico que levou os franceses á occupação do Rhur, existe, ignorada talvez, mas latente, uma velha questão de natureza espiritual e moral. Os agitadores socialistas e comunistas, a soldo da Alemanha e da Russia, querem convencer o proletariado de que a França defende os interesses do Capital contra o Trabalho, servindo o seu imperialismo capitalista contra os interesses das outras nações. A camarilha politica de Loyd George navega nas mesmas aguas, perfilhando as mesmas ideias: como se a conducta da Inglaterra em face da occupação do Rhur não fosse determinada exclusivamente pelos interesses do seu imperialismo capitalista, e como se para além do Rheno não existisse, tambem, um feudalismo industrial e um outro imperialismo capitalista! Tampouco o duelo da França com a Alemanha se resume num conflito de fórmulas de governo: dum lado a Democracia, do outro a Autocracia; para áquem do Rheno a *soberania do povo*, para além a *soberania do Imperador*. Não: o que separa a França da Alemanha é uma questão de *essencia*, e não simplesmente uma questão de *fôrma*. São duas civilizações diferentes em jogo, cada qual procurando os melhores meios de dominar a civilização inimiga, ambas procurando alargar o seu primado espiritual e moral ao resto do mundo.

Durante a guerra, os republicanos portuguezes eram, na sua generalidade, francofilos, porque supunham que a vi-

toria da França seria o triunfo universal da Democracia, na sua forma republicana. Os monarquicos, esses, na sua generalidade, afirmavam-se, senão publica, pelo menos particularmente, germanofilos, porque supunham que a vitória da Alemanha seria o triunfo universal da Monarquia. (Duas idiotices paralelas!) Mas havia excepções: entre os republicanos, destacavam-se alguns germanofilos, como Bazilio Teles, por exemplo, vítimas da formação germanica da sua intelligencia; os monarquicos da especie Cunha e Costa, por seu lado, se eram francofilos, eram-n'o mais por amor á Democracia do que por amor á França: e podemos contar ainda os monarquicos germanofilos da especie Alfredo Pimenta, inteligentes e cultos, não confiando á vitória da Alemanha o encargo de restaurar a Monarquia em Portugal, mas admirando sincera e profundamente «as ideias salutaes da civilisação germanica». Essa divisão dos portuguezes durante a guerra subsiste hoje na paz. A defeza e a propaganda do pensamento germanico continua a fazer-se entre nós como antes da guerra.

Ha uma questão prévia que seria conveniente resolver: — a civilisação germanica é ou não diferente da civilisação latina? e sendo diferente, é inferior ou superior á nossa? As virtudes germanicas serão superiores ás virtudes latinas? As «ideias salutaes da civilisação germanica» serão superiores ás ideias salutaes da civilisação latina? ou não chegará a civilisação latina a possuir, sequer, ideias salutaes?

Não existe, evidentemente, uma *raça latina*, no significado ethnico da palavra; o proprio sentido do Latinismo se encontra hoje desvirtuado e pervertido. Mas existe um *espírito latino*, uma formação moral e intelectual latina, uma *civilisação latina*, comum a milhões de seres humanos espalhados, na Europa, por Portugal, Espanha, França, Italia e Romania, e do outro lado do Atlantico, por todos esses paises de formação espanhola e portuguesa, desde o Brasil até a Argentina. Ora, é esse espírito latino que nós temos de defender contra o espírito germanico. Os interesses da França no Rhur e os interesses da nossa civilisação coincidem. Por mais brilhantes que sejam as «ideias salutaes» da civilisação germanica, e por maior

que seja a «decadencia» dos povos latinos, não encontramos razão alguma que nos aconselhe a sacrificar ao genio confuso e turbulento dos germanos a luminosidade e a disciplina herdadas do genio greco-latino através de Atenas e de Roma, de Lisboa e de Paris.

Chamar Barbaros aos alemães, não é exagerar: eles são-n'o de facto, embora duma tempera superior. O contacto com Roma, primeiro, e o contacto com a França, depois, aproximaram-nos sensivelmente dos latinos, sem que esse contacto bastasse, no entanto, para os integrar no sistema da nossa civilização.

Tudo quanto no mundo existe de maior e mais perfeito é obra dos povos latinos: o Direito e a Arte, a Literatura e a Filosofia, as instituições e as doutrinas políticas; nos seculos XV e XVI, a grande obra de exploração geográfica que desvendou á raça branca os segredos do mundo inteiro, partindo da península hispanica, teve o seu nucleo central, o seu fulcro propulsor, no rochedo de Sagres; e o proprio Christianismo, facto culminante da nossa civilização, sendo originariamente judaico, recebeu de Roma a armadura solida e a solida couraça que ainda hoje o mantêm e defendem contra as arremetidas dos seus inimigos de todos os tempos. Aos povos germanicos, que deve a civilização moderna? A grande industria, creada pela descoberta do vapor como força motriz, e o parlamentarismo, de origem inglêsa; a filosofia inglêsa e alemã dos seculos XVIII e XIX; na literatura, o Romantismo, tambem de origem germanica. Ora, a grande industria, desenvolvendo-se para alem de todos os limites — a noção do limite e da ordem é especificamente latina — creou o proletariado e gerou o desequilibrio social que tornou possivel a ruina da Russia; o parlamentarismo e a filosofia inglesa e alemã, trazidos para a Europa latina, foram causa eficiente da anarquia nas ideias e nos sentimentos de que tanto sofremos hoje; e quanto ao Romantismo, dissolvente poderoso da intelligencia e anarquizador da sensibilidade, a sua parte no descalabro moral da Europa contemporanea desnecessario será dizer que é das maiores.

Os povos latinos são eminentemente creadores: os alemães limitam-se a imitar ou a aplicar as creações latinas.

No dominio scientifico, nem a maquina a vapor, nem o dinamô, nem a synthese quimica, nem a telegrafia com ou sem fios, nem o telefone, nem o fonografo, nem o radio, nem a anestesia, nem o transformismo, nem a teoria microbiana, nem a vacina — nenhuma destas grandes creações scientificas, com qualquer especie de reserva que possâmos pôr ao seu valor absoluto, pertence aos alemães. Lavoisier, Ampère, Claude Bernard, Pasteur, Faraday, Berthelot, Darwin, Lamarck, Cauchy, Fourier, Galois, Newton, d'Alambert, Lagrange, Laplace, Poincaré, Sadi Carnot, Volta, Curie, Becquerel, Salaon, Davy, Gay-Lussac, — grandes creadores na ordem matematica e na ordem propriamente scientifica, não pertencem tambem á Alemanha. E no entanto, a criação dos gazes asfixiantes e a preparação da guerra quimica do futuro são caracteristicamente alemãs. No dominio politico, o engrandecimento da Alemanha pela sua unificação á volta da Prussia, fez-se com principios latinos e no momento em que a França atravessava uma crise grave. A politica tradicional dos reis de França consistia em proteger as diversas liberdades germanicas, defendendo os interesses dos pequenos Estados e cidades livres, — os interesses das Alemanhas — contra todas as tendencias absorpcionistas e unificadoras. Exclusivamente por uma sabia e tradicional acção diplomatica, paralela á acção diplomatica da Santa Sé, os reis de França conseguiram durante seculos preponderar e governar nos Estados germanicos, fazendo da Alemanha uma anarquia conservada por mão de mestre: *confusio divinitus conservata*. A' transformação da Alemanha pela virtude de ideias e processos latinos, entre os quais sobressai o da hereditariedade do poder, que os unificadores prussianos foram buscar á lei salica dos francêses, — correspondeu uma inoculação de ideias e processos germanicos na França, corroendo a nação inteira, e invertendo por completo a situação da Alemanha e da França no mundo civilisado. Filosoficamente, a Alemanha nada creou que não fosse pura confusão. Kant ressuscitou apenas uma velha ideia dos sonhadores indianos e dos fumadores d'opio: nada existe; o mundo é apenas apparencia: o tempo e o espaço são condicionados pelo nosso enten-

dimento. Não: as intuições puras de espaço e de tempo não podem ser princípios de conhecimento *á priori*: a extensão revela-se aos simples olhos mortais, e pela repetição certa dos mesmos fenomenos, o mais selvagem dos homens apreende a existencia do tempo. Lessing disse: «se Deus tivesse na sua mão direita toda a verdade e na esquerda uma simples aspiração á verdade, eu preferiria humildemente a mão esquerda». Para Lessing, o homem vale, não pela verdade que traz consigo, mas pela verdade que procura. Fichte estabeleceu este principio: «o eu põe um eu limitado como oposto dum não eu limitado». Hegel escreve: «o ser em si proprio é vazio, não é nada, equivale ao não ser; o ser e o não ser equivalem-se no *devenir*, que é o ser do que é e o não ser do que *devient*». E todos os filosofos alemães, como estes, são confusos e inextricaveis. Onde a Alemanha tem um papel preponderante, creador, é, incontestavelmente, na musica — porque a musiea é exactamente de todas as artes, a que melhor se identifica com a inferioridade do genio germanico. Victor Hugo tinha razão quando disse que a musica, pela sua falta de precisão, pelo seu *vago* e pelo seu *indefinido*, chegava a toda a parte onde chega a alma da Alemanha. Desde o simples *lied* até á *Tetralogia* wagneriana, a musica alemã é um constante apêlo ao inconsciente: o que predomina e prende na musica de Wagner, áparte o *Par-sifal*, é o misterio de toda a confusa mitologia das florestas virgens da Germania. Exercendo-se a acção da musica sobre a nossa sensibilidade á maneira do opio, o seu poder dissolvente será tanto maior quanto mais de perto ela tocar os dominios do inconsciente.

Guglielmo Ferrero definiu lapidariamente a natureza do povo alemão:

«Il n'a jamais senti profondément l'influence de la véritable latinité. Le sens de la mesure, l'esprit de limitation et la précision, qui sont les qualités essentielles de la latinité, lui ont toujours répugné; il y a en lui un fond de mysticisme qui semble invincible et qui le porte à chercher l'infini dans ce qui est vague, confus et indéfini. Il avait remporté des victoires brillantes dans deux

guerres heureuses... Bref, il a fini par se croire le peuple élu, le levain de la terre, le modèle du monde, et par employer couramment le mot colossal pour exprimer les suprêmes degrés de la perfection».

A civilização germanica, como todas as civilizações novas e como todos os povos cheios de vigor, é uma civilização expansiva. A unidade política fez a força da Alemanha. Desenvolvendo constantemente a sua população — ao mesmo tempo que na França fomentava a propaganda neo-malthusianista e diminuía assustadoramente a natalidade, — a Alemanha não poderia deixar de querer conquistar para si o mundo inteiro. O excesso da população alemã é hoje de quinze milhões.

Onde albergar esses indivíduos, onde procurar para eles alimento, dada a pouca fertilidade do solo germanico, se não fóra das fronteiras territoriais da Alemanha? Sendo um povo naturalmente [expansivo, o ideal de potencia tomou no seu espirito o predomínio sobre o ideal de perfeição. As próprias condições da sua natureza de povo barbaro, primitivo, cupido e brutal, de resto, exigiam também de si que a potencia fisica se elevasse acima da perfeição ideal.

«A missão de Roma na historia dos povos europeus foi conceber pela primeira vez a idea abstracta de Nação, deduzindo-a do facto natural da familia. Nenhum povo no mundo atingira ainda este momento de constituição social: nem os orientais, principalmente os semitas, portadores da idea do Imperio, que era uma agregação apenas militar ou fiscal, sem unidade na ascendencia, na lingua, nas instituições civis: conjunção mais ou menos transitoria de elementos ethnicos dispersos e a que a espada de um guerreiro conseguia impôr um dominio brutal, dando-lhe só uma apparencia de ordem; nem os occidentais, principalmente aryanos, e sobretudo os gregos, que esgotavam a sua vitalidade politica, sem saírem da esfera rudimentar de agregações em cidades ou republicas federadas» (1). A civili-

(1) Oliveira Martins, *Camões, os Lusíadas e a Renascença em Portugal*, pag. 280.

zação romana fez de nós, povo de bandos aguerridos e revoltados, quasi nomadas, uma nação organizada. Da mesma forma, por toda a parte onde a sua influencia chegou. Quando, tempo depois, Latinidade e Catolicismo se confundiram, onde existia um sacerdote, existia sempre um instrumento e um factor de disciplina social. Com os romanos deixaram-nos o Municipio, e nele um sistema completo de liberdades e garantias populares. Os germanos, barões aguerridos, individualistas, trouxeram consigo o espirito feudal e aristocratico: contra as ambições desse espirito feudal se uniram mais tarde, sucessivas vezes, os reis portugueses e o povo português, na defesa dos interesses comuns. Ao espirito de ordem latino, opunha-se, pois, o espirito individualista germanico.

O sentido da ordem, repito, é especificamente latino. Ha quem julgue que a ordem reinou em Portugal durante o governo de Sidonio Pais; ha quem acredite, tambem, que a Alemanha é o pais natal da ordem e da disciplina. Ora, a prova de que a ordem não existiu em Portugal no periodo sidonista é que, durante todo o tempo de governo de Sidonio Pais, nem uma noite, nem um dia sequer, as tropas da guarnição de Lisboa deixaram de estar de prevenção nos quarteis, quando não estavam de prevenção nas ruas; da mesma maneira que a existencia duma disciplina militar ferrea, dominadora, inquebrantavel, na Alemanha, não significa que a ordem exista entre os teutões, e muito menos, que essa *militarisação* excessiva do Imperio seja o prototipo da ordem para todo o mundo. Esta concepção *policia* da ordem é demasiadamente simplista: *l'ordre est aussi le sens des limites qu'une société ne doit pas dépasser, si elle ne veut pas voir la raison se transformer en folie, la vérité se transformer en erreur, la beauté se transformer en laideur, le bien se transformer en mal*; (1) o ordenado é o limitado; a disciplina é a limitação livre e consciente de todas as forças e actividades sociais, a consciencia que os individuos e as sociedades têm das suas funções, não exorbitando delas, mesmo den-

(1) Guglielmo Ferrero. *Le genie latin et le monde moderne*, pag. 281.

tro da mais ferrea das disciplinas aparentes, para que os individuos ou as sociedades se não despenhem imediatamente numa anarquia profunda.

A ordem germanica é a negação da ordem latina. O alemão é obrigado desde creança a obedecer cegamente, e cegamente obedece depois d'homem, nessa caserna imensa que era o seu Imperio. Educado, desde a escola, numa veneração religiosa pelo Estado e pelos seus servidores hierarquicamente mais altos, o alemão não opõe qualquer limite a essa veneração, nem distingue se a disciplina a que o submetem tem como finalidade o bem ou o mal. Comparavel a esta disciplina só uma outra existe: a disciplina da Maquina. A Maquina tambem obedece cegamente: nenhuma das suas partes é capaz de opôr uma limitação *consciente* á voz de comando que o homem lhe dá, seja essa voz determinada para o bem, seja determinada para o mal. «O alemão, diz Kant, é, entre os povos civilizados, o que se submete mais facil e duravelmente ao governo que o rege»; «submeter-se, obedecer, publicamente ou em segredo, eis, segundo Nietzsche, toda a virtude alemã»; Rathenau, numa obra que em francês tem o titulo *Choses de l'avenir*, dividiu o povo alemão em duas categorias, uma feita para mandar, outra para obedecer; e é esta ultima que ele define «uma massa cujas forças fisicas fornecem até ao limite extrêmo todos os esforços que lhe pedem... Ela não pede explicações. Ela não critica... O sentimento mais proximo do seu, é a docilidade duma creança»; e o Kaiser, discursando aos recrutas em 1893, dizia-lhes estas palavras que são bem a sintese do valor moral da ordem e da disciplina alemãs: «Vós não deveis ter senão uma unica vontade, que é a minha; não há senão uma lei, que é a minha,»

A obediencia dos latinos tem *souplesse*, tem vibração, porque os latinos possuem a consciencia do que seja *servir*, e pode representar-se, por isso, pela fibra d'aço, delgada e flexivel, mas que não quebra. A obediencia dos germanos, pelo contrario, é brutal, pesada, feita dum bloco só, e, porque não é *raciocinada*, mas apenas *sentida*, não tendo elasticidade nem vibração, pode representar-se por uma mole enorme de bronze ou de granito. Dir-me-hão:

—«por isso o latino discute, enquanto o germano obedece; e porque analisar e discutir é debilitar e enfraquecer, os alemães tinham consigo a Monarquia, enquanto nós tínhamos a Democracia; enquanto os germanos possuíam a ordem, os latinos possuíam a anarquia.» Mas a estas objecções responderei, primeiro, com Ferrero, que nem a ordem está necessariamente onde os poderes não são discutidos, mas apenas obedecidos, nem a anarquia está necessariamente onde os poderes são discutidos, embora obedecidos; e a seguir direi que é preferível exagerar o sentimento da dignidade humana, a esquecê-lo por completo ou a não possuí-lo, sequer. Os latinos sabem que acima da sua individualidade existe a *personalidade* humana, e sabem que, se a sociedade não pode existir sem o sacrificio do *indivíduo*, se o indivíduo é feito para a sociedade, já o mesmo não acontece á *pessoa*: participando da natureza divina, dom recebido directamente de Deus, é para bem exclusivo da personalidade humana que a sociedade existe. O latino é uma *pessoa* — e como pessoa discute, reflecte, e como pessoa obedece, conhecendo a honra e o valor de *servir*, não perdendo nunca o sentimento da dignidade pessoal. O germano é apenas um *indivíduo*, — e como indivíduo obedece, não discutindo, não raciocinando, considerando-se apenas como um rodado indispensavel a uma grande maquina que tem por nome Estado: em vez do sentimento da dignidade pessoal, o germano tem o sentimento da dedicação e da lialdade pela pessoa ou coisa a quem presta serviços: mas os mesmos sentimentos se encontram em certos animais e geralmente nos escravos, sem que por isso sejamos forçados a concluir que esses animais e a generalidade dos escravos tenham um sentido da ordem e da disciplina superior ao sentido que da ordem e da disciplina têm os latinos. — Complementarmente, responderei ainda que na «insurreição do indivíduo contra a especie», como Taine chamou á Revolução e ao individualismo contemporaneo dos latinos, entrou como factor preponderante, senão principal, o elemento estrangeiro, representado, dum lado, pelos philosophos ingleses, do outro pelo protestantismo de Lutero e pelos philosophos alemães.

O sentido latino da Regra e do Limite é o sentido da Perfeição. Faltando-lhe esse sentido da Perfeição, o germanismo caracteriza-se por «uma insaciavel aspiração a um acrescimo ilimitado de potencia; por uma actividade incançavel e despida de escrúpulos; pelo espirito de invasão; pelo gosto por tudo quanto é enorme, colossal, extravagante, violento.» O que predomina na civilização germanica é, portanto, a *quantidade*, enquanto que na civilização latina o elemento predominante é a *qualidade*. Para avassalar o mundo com o seu commercio, como para fazer depois a guerra, a Alemanha não hesitou em lançar mão de todos os meios. Certamente, nem tudo são defeitos nos alemães: ha entre eles uma grande capacidade de organização, grandes faculdades de trabalho e grandes aptidões tecnicas; mas essas virtudes, eles proprios de bôamente as sacrificam aos defeitos gerais da sua civilização barbara, expansiva e quantitativa.

A quimica alemã, na paz, entreteve-se falsificando tudo quanto no mundo ha susceptivel de falsificação: tapetes de Smyrna fabricados em Moñza, objectos japonezes e indianos fabricados em Hamburgo e na Baviéra, novidades de Paris fabricadas em cem logares diferentes do territorio alemão — tudo servia ao germanismo para expandir o seu commercio, não faltando como complemento de todas as falsificações o sistema deslial do *dumping*, que lhe permitia fazer aos outres povos uma concorrência triunfante em todos os mercados do mundo; o *dumping*, que é ainda uma falsificação dos processos de commerciar, alterando e pervertendo a noção do justo valor das coisas. Na guerra, a obra da quimica alemã, se não foi de falsificação, foi pior: foi de morte. Se as guerras do futuro revestirem um caracter quasi exclusivamente quimico, se forem guerras exclusivamente scientificas, a Alemanha, esquecendo-se dos limites naturais da sciencia e continuando a fazer da quimica um instrumento de morte e de ruina, uma dupla demonstração fará ao mundo: — 1.º) que o povo mais civilizado não é necessariamente aquele que conta no seu activo um maior desenvolvimento scientifico, tecnico e industrial; e 2.º) que o homem não é tanto melhor quanto mais instruido fôr, porque a bondade

não augmenta na razão directa dos seus conhecimentos scientificos. Faltando-lhe os dons espirituais que fazem a superioridade da civilização latina, o germanismo ultrapassa, para o mal, contra a humanidade que pretende servir, quando se arvora em povo eleito de Deus, as regras e os limites necessários á actividade dos valores sociais para o florescimento duma civilização brilhante, feita como a latina, de toda a pujança da Força e de toda a espiritualidade da Beleza.

Augusto da Costa.

Não inserimos no presente numero o secção "Dos novos livros,, poroue Rocha Junior, que a escreve, acompanhã os aviadores portuguezes Gago Coutinho e Sacadura Cabral na sua viagem triumphal a Paris.

A Entrevista da semana

Mme. Delarue-Mardrus fala-nos de Portugal, do romanticismo e dos litteratos portuguezes

— E' aquella...

E o creado do Palace, galego muito bem disfarçado sob a casaca negra, indicava-nos, de dedo espetado, Madame Delarue-Mardrus, com o respeito assustado d'um etio pio que apontasse Cleopatra...

A vaporosa escritora francesa, que se oferecera, sorri-